

Antônio Torres

Por Nataly Jollant*

Nascido em 1940, na cidade de Sátiro Dias (antigo povoado chamado Junco), Antônio Torres figura entre os maiores nomes da literatura contemporânea. Jornalista e publicitário, descobriu muito cedo sua vocação literária ao escrever cartas e recitar poemas de Castro Alves. Seu primeiro romance, *Um cão uivando para a Lua*, publicado em 1972, obteve boa aceitação do público e da crítica. A publicação de *Essa Terra* (1976), considerada hoje sua obra prima, abriu espaço para a sua carreira internacional, pois a mesma ganhou uma edição francesa em 1984. Tem livros publicados em Cuba, na Argentina, França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Israel, Holanda, Espanha, Portugal, Bulgária, Croácia, Paquistão, Adjerbajão, Albânia, Romênia e Vietnã. Autor premiado, traduzido em vários países, foi condecorado em 1998 como *Chevalier des Arts et des Lettres* pelo governo francês e eleito em 2013 membro da Academia Brasileira de Letras.

Segue a entrevista concedida pelo escritor.

* Doutoranda em literatura brasileira no Centre de recherches sur les pays lusophones da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3, dedica-se à pesquisa: “L’Amazonie pour identité, cartographie littéraire et géographie imaginaire au Brésil du XIXe siècle : le vécu au service de l’imaginaire.” Entrevistou Antônio Torres em 23 de março de 2015.

Nataly Jollant – Penso que nós poderíamos começar pelo livro *Meu querido Canibal*. Esse livro, que conta a história do líder indígena Cunhambebe e, mais amplamente, da resistência indígena no Brasil, atribui aos Índios um lugar que a História lhes negou. O que o levou a escrevê-lo?

Antônio Torres – Esse livro, assim como o livro que o sucede, *O nobre sequestrador*, nasceu de uma pesquisa feita para escrever algo que me foi encomendado pela Secretaria de Cultura do Município do Rio de Janeiro para uma coleção chamada “‘Cantos’ do Rio”, lançada em 1996. Na altura, alguns autores foram convidados a escrever sobre determinadas áreas do Rio de Janeiro e a mim coube o centro da cidade. O que se revelou uma escolha bem acertada, pois a pessoa que lançou o convite, o jornalista Wilson Coutinho, disse-me que sua intenção era fazer com que eu, baiano, viesse a produzir mais história sobre essa cidade. Já havia escrito o romance *Um táxi para Viena d’Áustria*, que agradou bastante aos cariocas, mas ainda não havia produzido ficções sobre a cidade. Ao pesquisar a história do centro, cheguei a duas conclusões principais: [o centro] é o lugar para onde toda a cidade gravita e, ao mesmo tempo, é o centro da história do país. E isso desde que a corte portuguesa, fugindo das guerras napoleônicas, chegou ao Brasil em 1808.

E como foi o processo de pesquisa?

Bom, me perdi pelo centro, pelos bares do centro, pelas bibliotecas do centro, pelos sebos do centro... fui encontrando coisas admiráveis. Numa bela história sobre o Rio, prefaciada pelo sociólogo Gilberto Freyre, deparei-me com a figura do Cunhambebe: em cinco linhas, o historiador dizia que “esse morubixaba de Angra dos Reis cujos domínios iam de Cabo Frio (no norte do litoral fluminense) a São Vicente (no sul do litoral paulista), tinha sido o ‘rei da floresta’; onde pisava a terra tremia, era um gigante, e se orgulhava de ter nas veias o sangue de mais 5.000 inimigos, principalmente portugueses”. Em outro livro, encontrei um historiador com uma visão bastante perversa desse que se tornaria meu herói, e foi esse que me estimulou mais ainda, pois sustentava que “Cunhambebe era a expressão mais repelente do selvagem, que em outras circunstâncias teria sido um Átila”.

Descrevia muito negativamente a figura de Cunhambébe, eu pensei: tenho um romance, tenho um personagem em minhas mãos. Descobri, na verdade, uma pequena história do mundo. O descobrimento e a conquista da América constituem a descoberta do mundo e do outro. Ao enveredar pelas encruzilhadas dos franceses, pelo caminho dos portugueses, por exemplo, vi da importância que teve para a França a carta do Américo Vespúcio descrevendo o novo mundo, publicada pela primeira vez em Paris em latim. Foi um *best seller* traduzido para várias línguas. O “Novo Mundo” na altura era o Brasil, a primeira viagem de Américo Vespúcio. Esse primeiro relato trouxe um mundo de fantasias para o imaginário francês e europeu. Imagina naquele período repleto de proibições e guerras religiosas, o Américo descrevendo o mundo selvagem de uma forma tão hedônica: “os homens viviam 150 anos; nunca tinham doença nenhuma, mas quando adoeciam se curavam com raízes, sementes, etc.; o corpo dos homens era perfeito; as mulheres eram de uma beleza incrível, inclusive ‘nas partes que honestamente não podemos nomear’ [risos]”. Então, estávamos na época próximos às comemorações dos 500 anos do Brasil. Fui confrontando várias histórias e percebi que toda a História era de glorificação dos vencedores. Pensei: vou correr o risco de fazer uma glorificando os vencidos e dando ao indígena o lugar que ele nunca teve. Por um lado, sabia que estava correndo o risco de levar as flechadas dos historiadores, mas assumi esse risco. Para minha surpresa, os historiadores receberam o livro com entusiasmo, hoje está na 11ª edição.

O livro acaba de ganhar uma tradução francesa feita por Dominique Stoenesco, *Mon cher Canibale*. Qual é a importância de ser traduzido hoje e como é a recepção do público estrangeiro, no caso o francês, em relação a sua obra?

Sobre o *Meu querido Canibal* eu ainda não tenho uma ideia da recepção, pois acaba de sair. O que eu sei é que esse livro tem sido muito estudado na França – Rennes, Bordeaux, Toulouse. Sei disso porque já fui convidado para fazer palestras em várias cidades francesas e sempre tive uma receptividade muito grande. Tudo começou em 1974, quando fiz o lançamento na França de *Essa Terra*, que teve uma recepção bem calorosa. A crítica recebeu o livro com grande entusiasmo. O

jornal *Le Monde* descreveu o romance como uma “fina pintura”, frase inclusive destacada na capa da edição inglesa. Foi saudado por outros jornais como *Libération*, *La Croix*...

Quanto ao público brasileiro, quem consome literatura hoje no Brasil? Como avalia o mercado editorial nacional?

O mercado editorial brasileiro tem alcançado um desenvolvimento extraordinário. Tanto que várias editoras estrangeiras estão indo para lá, porque o mercado consumidor cresceu bastante. Bem, já estou nisso desde os anos 70, venho de uma estreia literária que foi escrita no jornal. Passei por vários períodos e diria que hoje sinto uma mudança importante no leitor. Penso que o espaço da literatura, aquela literatura na qual me formei, que cultivei desde a infância, essa está se perdendo. O leitor, aquele leitor que lia pelo prazer do texto, hoje já se conta nos dedos. O leitor hoje é de qualquer nota, muito autoajuda, muitos livros de celebridades... sucessos momentâneos. Ou seja, há hoje uma ditadura do mercado. E o mercado não se faz necessariamente pela qualidade literária, mas por aquilo que é consumido. Penso que sempre houve esse antagonismo consumo x arte, porém o que mudou foi a distância entre um e outro. No meu tempo de leitor essas duas linhas de força conviviam harmonicamente. Sempre houve o mercado de *best sellers*, mas havia um outro mercado que sobrevivia bem, produzindo de vez em quando *best sellers*. Eu mesmo já tive livros em lista de *best sellers*, mas hoje acho impossível um livro meu entrar nessas listas. Porém no meu caso particular penso que tem um processo de acumulação do tempo que me dá um conforto dentro disso, pois virei um escritor muito solicitado para viajar, fazer palestras, etc., e isso cria uma certa visibilidade. Também tem o fato de ter entrado para a Academia Brasileira, os prêmios que tenho ganhado, as próprias traduções no mundo acabam repercutindo no Brasil e isso me dá um lugar, um espaço nesse mundo tão caótico.

Diante dessa literatura, como fica o papel do editor?

O editor faz o que é possível, não demonizo o papel do editor. Ele tem contas a pagar e sabe que precisa fazer livros que vendem. A minha editora, por exemplo, a Record, é uma empresa com trezen-

tos funcionários diretos. Imagine o tamanho da folha de pagamento (sem falar das outras coisas). Mas sinto o esforço dos editores. No meu caso, a Editora Record tem um departamento editorial, dentro desse departamento há editores voltados para a literatura brasileira que trabalham de forma intensiva para a divulgação dessa literatura, lutam por uma boa distribuição dos seus autores e uma boa colocação nas livrarias – que é o “nó” da literatura hoje. As livrarias naturalmente estão dando preferência àqueles produtos de venda mais rápida, que estão “na moda”. Porém, as editoras lutam para pôr os seus autores e continuam publicando muitos brasileiros, muito escritores de literatura. Não há até onde eu saiba nenhum bom escritor sem editor, venda ele pouco ou muito.

Ainda em relação ao leitor, em tempos de internet qual a sua relação com esse público acostumado a uma linguagem mais sintética?

Estou na internet, tenho uma *homepage*, estou no *facebook* com cinco mil *likes*. Todo dia tem uma fila enorme de gente querendo que eu adicione. A internet é muito contestada como formadora de leitores, porque se pensa que muita gente está por lá apenas para se promover e não para ler os outros, para mostrar o que está escrevendo e pronto. Todo mundo quer fazer do outro uma sala de leitura. Por outro lado, a internet é um veículo fantástico para divulgação da própria literatura. Hoje eu vou a um lugar qualquer e alguém coloca – ou eu mesmo faço – na internet o convite da minha participação e isso leva público. Penso que esse admirável novo mundo web (o pleonasmo é brincadeira) não é tão admirável assim para a atração de leitores dos nossos livros, porém sempre pode ter um efeito positivo. Como se vê, eu não sou tão pessimista assim...

Por falar em pessimismo, na sua opinião qual é a função social do escritor num país onde as políticas de incentivo à leitura revelam-se insuficientes?

Os escritores têm se movimentado muito porque são muito solicitados para as festas literárias, para as bienais que num país como o Brasil atraem muita gente. Eles têm sido os atores principais desses eventos. Só essa participação dos autores já é uma maneira de parti-

qiparem do processo em torno da leitura. De outra forma, não vejo, como houve no passado, espaço para nós nos tornarmos figuras públicas na intervenção, no quadro político. Porque voltando à questão inicial, nesse mundo tão midiático em que vivemos, o escritor não é personagem midiático tão visível quanto outros que atuam na televisão, na música, etc. para ter intervenção na cultura de massa. Estamos dentro de um espaço um tanto limitado e agimos conforme os nossos limites, mas podemos sim ter uma atuação relevante nesses espaços que nos são concedidos.

Por falar em atuação, aproveito para finalizar essa entrevista perguntando sobre quais foram os escritores que tiveram uma atuação relevante para a sua formação literária?

São tantos! Eu nasci no sertão, num mundo agrário e ágrafo, e os primeiros autores eram desconhecidos para mim, mas suas histórias chegavam pela oralidade, pelas manifestações populares das pessoas que contavam e cantavam aquelas histórias que são definidas como literatura de cordel. Literatura que se incrustou no Nordeste brasileiro vinda da Península Ibérica onde, por sua vez, provavelmente chegara vinda do mundo árabe. Enfim, tornou-se um patrimônio literário nacional. Histórias muito imaginosas que no nordeste chamavam de ABC do Sertão ou rimas, que é o romance com rimas – prova que o romance nasceu do poema até na cultura popular. E daí quando cheguei na escola descobri a poesia, os poetas românticos brasileiros Castro Alves, Gonçalves dias, passando pelos parnasianos como Olavo Bilac. De outra maneira, na própria escola, a prosa de José de Alencar. Mais adiante, quando fui para o ginásio, numa cidade maior que tinha uma biblioteca, descobri Monteiro Lobato. Na mesma cidade já comecei a ler um pouco dos franceses, dos russos. Havia umas coleções intituladas “maravilhas do conto francês”, “maravilhas do conto russo”, “maravilhas do conto Norte-americano”, “maravilhas do conto hispano-americano” e isso foi uma maravilha para um pequeno leitor que estava se iniciando. Até hoje sou defensor das antologias.